

JOSÉ RODRIGUES DE PAIVA

TRÊS NOITES
NO SOBRADO

RECIFE
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
1969

A tensão poética e a clareza são tão essenciais ao conto que dêle se poderia quase dizer que fica à margem da prosa: no seu uso da ação, o conto está mais próximo do drama do que do romance. A ação deve, no romance, ser completa e determinada: no conto, recupera uma simplicidade heróica.

ELISABETH BOWEN

*NESTA cidade do Rio,
de dois milhões de habitantes,
estou sôzinho no quarto,
estou sôzinho na América.*

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

TRÊS NOITES NO SOBRADO

Vim para ficar uma ou duas semanas e já lá vai quase um mês. O ar do campo faz-me bem, o clima agrada-me e a calma destas redondezas vai-me prendendo aqui, porque sempre gostei dos lugares calmos. Por isso, vou adiando de dia para dia a minha volta e prolongando cada vez mais estas férias.

Aqui pouco se tem que fazer. A cidade (que eu chamaria mais propriamente de vila), é apenas uma única rua, algumas casas de um lado e do outro. Uma viúva — Dona Sebastiana, é o nome dela — tem uma casa muito grande e, como vive sòzinha, resolveu alugar os seis ou sete quartos da casa e a cidade tem assim o seu hotel. Mas o lugar é pouco propício ao comércio hoteleiro. Por aqui raramente aparece alguém procurando hospedagem, desde que cheguei, sou eu o único hospede de Dona Sebastiana.

Em frente ao hotel, no outro lado da rua, há uma mercearia que também serve de bar. Às vezes, à noite, quatro ou cinco homens reúnem-se ali e bebem e conversam até tarde. Além do hotel e da mercearia, apenas o casario humilde da cidade, e em volta, o canavial. Quilômetros e quilômetros de plantações de cana, um mar de fôlhas verdes.

Mas dizia eu, por aqui pouco se tem que fazer. Passo os dias a vaguear por êstes campos, às vezes perco-me nos caminhos estreitos do canavial. Quando não ando por aí, fecho-me no quarto e leio um pouco, mas prefiro passar os dias em caminhadas, não gosto muito dêste quarto.

I

Ontem à tarde saí para uma dessas caminhadas. Entrei na mercearia com intenção de comprar fósforos e apanhei um resto de conversa que me deixou curioso. Um negro velho, chapéu de palha na cabeça, contava a um grupo de pessoas qualquer coisa que eu deduzi ser alguma aparição sobrenatural. O negro gesticulava e como se alguém duvidasse das suas palavras, repetia constantemente:

— Eu vi, vi com êstes dois olhos... Estava escuro mas eu vi. Era enorme, branco, ficou parado na minha frente olhando para mim e desapareceu de repente, como fumaça!

Uma velha que estava sentada atrás do balcão benzeu-se três vêzes e disse muito baixo embora eu a pudesse ouvir perfeitamente:

— Deve ser a alma dela.

Alguém perguntou ao negro:

— Onde você viu isso?

— Na ribanceira, perto do Sobrado.

O que seria o Sobrado? Há quase um mês que estou aqui e era a primeira vez que ouvia falar nêle. Fiquei mais um pouco na mercearia, ouvindo opiniões de um e de outro, tentando compreender alguma coisa. O negro continuava a falar repetindo sempre:

— Eu vi, vi com êstes dois olhos...

Quando todos saíram, perguntei à velha que estava atrás do balcão o que era o tal Sobrado.

— É um casarão velho que fica perto da ribanceira.

Aquilo esclarecia pouco, mas não perguntei mais nada. Saí disposto a caminhar. Deixei para trás a única rua da cidade e fui andando até perto do rio, onde o caminho se bifurca em duas direções. Tomei pelo atalho da esquerda e comecei a subir a ladeira. Ainda não tinha andado por aquêles lados e ia observando tudo como quem explora uma região desconhecida.

O dia chegava ao fim. Os homens que trabalhavam no corte da cana começavam a retornar às suas casas. Alguns iam em grupos de três ou quatro, outros sòzinhos, levando nas mãos as foices afiadas e reluzentes.

Ao meio da ladeira, depois da curva do caminho, do lado esquerdo, vi por entre as touceiras de cana, as paredes escuras de um velho casarão. Supus que devia ser o tal Sobrado e arredando as palhas das canas, dirigi-me para lá.

Lá estava êle. Ostentava ainda uns restos de imponência e à luz frouxa do dia que findava, tinha qualquer coisa de misterioso.

Aproximei-me da casa olhando-a com atenção. O Sobra-

do era sem dúvida, resquício do império de algum antigo senhor semifeudal. O alpendre tinha grandes arcos em pedra. Que velhas histórias poderiam contar aquelas paredes!

Interessava-me muito o casarão. Subi os degraus que davam para o alpendre. A porta de acesso ao interior do Sobrado estava entreaberta. Olhei pela fresta mas não se via nada, tudo muito escuro. De repente, ouvi alguém falar atrás de mim:

— Seja bem vindo, amigo.

Virei-me muito depressa. Um homem alto, o cabelo muito branco, já idoso mas ainda forte, estava parado nos degraus do alpendre. Comecei a imaginar quem seria. O dono do Sobrado, talvez. Eu pensava numa explicação que justificasse a minha presença ali e não me ocorria nenhuma. De súbito, vindo não sei de onde, um cão enorme, branco, subiu de um pulo a escada do alpendre e ficou junto de mim, cheirando-me as pernas e rosnando desconfiado. Encostei-me à parede sem coragem de dar um passo.

— Não tenha medo, é manso. Sai Barão!

O cachorro obedeceu ao dono. Foi deitar-se a um canto do alpendre, mas de vez em quando, olhava para mim, ainda desconfiado.

O velho ficou em silêncio, parado nos degraus. Talvez esperasse a minha explicação. Improvisei uma história muito mal contada. Disse-lhe entre outras coisas, que tinha particular interesse pela arquitetura das construções antigas e estranhei encontrar uma casa como aquela encravada no mato. Êle pareceu aceitar a minha explicação e prontificou-se logo a esclarecer a origem do Sobrado. Empurrou a porta e convidou-me a entrar. Eu não pensava encontrar tanta hospitalidade por aquêles lados.

No interior do Sobrado a escuridão era completa. O velho desapareceu deixando-me sòzinho, mas logo voltou trazendo um candeeiro que dava uma boa luz. Sentamo-nos a um canto da enorme sala e o meu anfitrião começou a contar-me a história do velho Sobrado. Vim assim a saber que o avô dêle havia mandado construir a casa por um engenheiro francês.

O velho contava a história com muita animação:

— O meu avô era um homem irrequieto, espécie de aventureiro. Se houvesse nascido no século XVII, possivelmente teria sido um pirata dos sete mares. — Dizia isto com ar de troça e depois de uma pausa continuava: — Era o senhor de tôdas estas terras. Fixou-se aqui ainda nôvo e foi aqui que viveu tôda a vida. Não sei onde êle descobriu o francês que construiu o Sobrado. Meu pai contava que a gente do lugar (naquela época, havia por aqui sòmente negros escravos ou que haviam sido escravos) admirava-se ao ver a casa. As pessoas que melhor conheciam meu avô não se admiravam. Sabiam-no capaz de coisas mais estapafúrdias, e o Sobrado, afinal de contas, não era coisa assim tão extraordinária. Mas para os negros que viviam por aqui, isto era coisa fora do comum e começaram a correr as histórias em tôrno da pessoa do meu avô e do Sobrado.

O velho contou-me algumas das intermináveis histórias que se criaram em tôrno do avô e do Sobrado. Coisas absurdas que só aquela gente rude e supersticiosa seria capaz de imaginar. Aquilo interessava-me muito, mas eu começava a preocupar-me com a volta ao hotel. A noite era escura e os caminhos pouco bons. Mas êle parecia cada vez mais empolgado com aquelas memórias da família e continuava a falar sem mostrar intenções de parar. Finalmente, seriam já umas nove ou dez horas, começou a mostrar sinais de cansaço. Eu também já estava com sono e levantei-me para sair. O velho queria que eu passasse a noite no Sobrado, agradei mas não aceitei. Não era mêdo (talvez fôsse, não sei) mas não me sentia ali muito à vontade.

2

Hoje andei por aí durante todo o dia. Fui até à mercearia ver se ouvia mais alguma coisa sôbre o Sobrado. Não posso negar que tudo isto me interessa muito. Por que o velho viverá sôzinho naquêle casarão?

Falei do Sobrado a Dona Sebastiana sem demonstrar interesse, como quem não quer nada, mas não obtive nada mais além do que já sabia. Ela disse-me que sòmente um velho morava lá e que corriam boatos que o casarão era mal-assom-

brado. Muita gente dizia que nas noites de lua, a alma de Dona Virgínia aparecia perto da ribanceira. Quem teria sido essa Dona Virgínia? Aquilo deixava-me cada vez mais curioso.

Resolvi voltar ao Sobrado. O velho havia-me convidado para voltar lá quando quisesse, desde que fôsse à mesma hora de ontem.

Seriam umas cinco e meia, saí do hotel e tomei o caminho do rio. Fiz o mesmo percurso do dia anterior e encontrei-me outra vez diante das velhas paredes do Sobrado. Hoje detive-me um pouco mais na observação da casa. O telhado está cheio de ervas, alguns vidros das janelas do primeiro andar estão partidas e as paredes, muito escuras, parecem jamais haverem sido caiadas. Contemplando o velho casarão, tive a impressão de estar diante de um antigo castelo em decadência.

Quando me aproximei dos degraus do alpendre, o enorme cachorro branco apareceu a barrar-me a passagem. Mas o velho surgiu no limiar da porta e o cão deitou-se com o focinho no chão, as orelhas pendentes, os olhos atentos, vigiando os meus passos.

Subi cautelosamente os degraus, atravessei o alpendre e entrei na sala. O velho parecia satisfeito. Dizia que gostava de conversar, mas raramente tinha oportunidade. Como na noite anterior, sentamo-nos a um canto da sala, à luz do enorme candeeiro. A conversa voltou a cair sôbre a família do velho que falava outra vez com animação:

— Quando meu avô morreu, meu pai passou a dirigir a propriedade. Isto por aqui ia tudo muito bem, as safras eram boas, meu pai comprou o engenho vizinho, havia trabalho para muita gente. A nossa propriedade era das mais prósperas da região. Isto correu assim por muito tempo. Mas havia uma rixa entre nós e os Albuquerque, donos da propriedade vizinha. Questão de terras. Êles diziam que nós havíamos avançado a cêrca além da divisa, que tínhamos roubado terras dêles e depois de muitas discussões e escaramuças, meu pai acabou assassinado, morto a tiros numa emboscada preparada pelos capangas dos Albuquerque. Meus irmãos e eu queríamos nos vingar, mas nossa mãe não consentiu. Nós sempre respeitamos muito a vontade dela, e assim, os miseráveis ficaram impunes,

andando por aí. Já que não nos podíamos vingar, meus irmãos não quiseram continuar aqui. Foram embora com a nossa mãe para a Paraíba, onde ela ainda tinha família. Mas eu e minha irmã Virgínia, havíamos criados aqui fortes raízes e resolvemos ficar os dois.

Aquela Virgínia de quem falava o velho seria a mesma a quem Dona Sebastiana se referira e que acreditavam aparecesse a sua alma perto da ribanceira? Continuei a ouvir o velho sem o interromper.

— Não poderíamos viver longe destes canaviais onde crescemos à sôlta, em loucas correrias. Pode parecer bobagem, sentimentalismo sem razão de ser, mas, acho que se nos tirassem daqui, morreríamos de *banzo*, como antigamente morriam os negros. Com o desaparecimento de meu pai, operou-se aqui uma transformação repentina. O engenho parou, muitos trabalhadores não quiseram continuar aqui e começaram a desaparecer um a um. Em breve, a mais rica propriedade destas redondezas estava reduzida a nada ou quase nada, e o Sobrado, que bem poderia ser o símbolo de um poderio, habitado apenas por duas pessoas que aqui ficaram por não se puderem afastar, prêsas por um vínculo mais forte que elas próprias. Durante muito tempo vivemos aqui os dois sòzinhos, satisfeitos por não termos que abandonar a terra e estas paredes que tinham tanto significado para nós. Mas, há pouco mais de cinco anos, o Sobrado passou a ter apenas um morador. Uma noite de chuva, minha irmã vinha sòzinha da cidade. Os caminhos eram péssimos, muito escorregadios e ela caiu no rio na altura da ribanceira. Por verdadeiro milagre, escapou de morrer afogada, mas na queda, quebrou o braço direito, como se isso não fôsse suficiente, apanhou uma pneumonia e veio a morrer poucos dias depois.

O velho parou de falar. Fitava com insistência algum ponto inexistente no espaço. Eu já estaria ali seguramente há cerca de três horas e dois ou três bocejos disseram-me que era hora de dormir. Despedi-me dêle e comecei a descer o caminho para a cidade. Quando passei perto do rio, alguma coisa me fez apressar o passo involuntariamente.

3

Hoje perdi-me novamente nos caminhos do canavial. Senti uma grande necessidade de andar e foi apenas o que fiz durante a manhã. Os pendões das canas despontaram, e para os meus olhos que nem sempre podem contemplar a paisagem dos campos, é uma festa, estas nuvens de algodão pousadas sobre o mar de canas.

Havia dito a mim mesmo que não iria hoje ao Sobrado, mas durante toda a tarde estive mergulhado numa grande impaciência, e aí pelas cinco e meia, já me encontrava perto do rio, a tomar pelo atalho da esquerda. Poderia ter resistido à tentação, mas amanhã ponho fim às minhas férias, volto ao Recife, aos meus afazeres, e quero conversar uma última vez com êste bom velho.

Êle estava parado no alpendre, disse-me que já me esperava. Entramos e sentamo-nos no lugar de costume. O cão entrou pela porta entreaberta. O velho chamou-o e êle foi roçar-se-lhe nos joelhos.

— Barão também tem o seu papel na história da família. Apareceu aqui ainda pequeno, muito sujo e faminto. Minha irmã e eu cuidamos dêle. Deve ter gostado da casa, foi ficando por aqui até hoje. A gente que vive por êstes lados é muito dada a crendices, a superstições e a coisa mais insignificante servirá de motivo para que uma velha qualquer invente uma história extraordinária. Barão durante o dia raramente se afasta do Sobrado, mas à noite, anda sempre por aí, correndo no mato. Talvez dado ao seu tamanho, não sei, se alguém o vê de noite pelos caminhos, acredita piamente ter visto a alma de minha irmã e sai por aí, espalhando a história e jurando por tudo quanto é mais sagrado.

Lembrei-me do negro da mercearia e da velha que se benzeu três vezes atrás do balcão. Recordava-me que o negro dizia: “era enorme, branco...” — com certeza, o que êle viu foi mesmo o Barão.

— Por isso, ninguém se atreve a aproximar-se da casa — continuou o velho — acreditam-na mal-assombrada e há até

quem, estranhando o fato de eu viver aqui sòzinho, afirme que não regule bem do juízo.

A esta altura, já eu conhecia quase tôda a história do Sobrado, mas surgiu-me de repente uma pergunta: o que teriam feito das terras? teriam-nas vendidos ou simplesmente abandonado? O velho esclareceu isto também:

— Quando meu pai foi assassinado, com os poucos trabalhadores que resolveram ficar no Sobrado eu tentei continuar a cultivar uma parte das terras. Mas minha mãe e meus irmãos foram embora e eu achei que não valia a pena continuar. Assim, as terras que antes faziam inveja aos engenhos vizinhos foram abandonadas e eu passei a cultivar apenas um pequeno pedaço onde eu próprio trabalhava sòzinho. Com o correr do tempo, um ou outro camponês levantou nas terras do Sobrado a sua palhoça de sapé e barro, plantou a sua roça e meia dúzia de pés de cana. Nunca me importei com isso. Afinal, de que me servem agora as terras? Elas são mais úteis a êles do que a mim.

Conversamos ainda durante muito tempo. O velho parecia incansável. Falava interminavelmente, prendendo-se sempre ao passado da família. Mas com o avançar da noite vieram os primeiros indícios da fadiga. Êle já não tinha tanta animação no falar e bocejava constantemente. Eram horas de dormir. No dia seguinte eu deveria acordar cedo, andar um bom pedaço até à estação onde apanharia um trem para o Recife. Despedi-me do velho. Disse-lhe que me ia embora, voltava ao meu trabalho, já me demorara demais ali. Êle apertou-me a mão demorada e vigorosamente, desejou-me boa viagem e disse-me que se algum dia ali voltasse, não me esquecesse de ir até ao Sobrado.

Comecei a descer a ladeira. Na dobra do caminho parei e olhei para trás na direção do Sobrado. Nada se via dentro da noite. Continuei a caminhar, dizendo comigo mesmo: — Voltarei sim, meu velho! Quando me aborrecer do borborinho da cidade, venho purificar o espírito no meio dêstes canaviais. Hospedo-me no hotel de Dona Sebastiana e tôdas as noites vou conversar contigo no Sobrado.

O SORRISO DA GIOCONDA